



CATÓLICA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
E PSICOLOGIA

---

PORTO

# HUMAN SMUGGLING: TRAJETÓRIAS E NARRATIVAS

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa  
para obtenção do grau de mestre em Psicologia

- Especialização em Psicologia da Justiça e Comportamento Desviante -

*Ana Margarida Conde de Azevedo Maia*

Porto, julho de 2019



CATÓLICA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
E PSICOLOGIA

---

PORTO

# HUMAN SMUGGLING: TRAJETÓRIAS E NARRATIVAS

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa  
para obtenção do grau de mestre em Psicologia

- Especialização em Psicologia da Justiça e do Comportamento Desviante-

*Ana Margarida Conde de Azevedo Maia*

Trabalho efetuado sob a orientação de

Mariana Reis Barbosa

Porto, julho de 2019

## **Agradecimentos**

A todo o corpo docente da Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica do Porto, pela partilha de conhecimentos e pelo rigor, pela proximidade e pela disponibilidade que sempre prestaram

À Mariana, por ter despoletado em mim o *bichinho* dos direitos humanos. Obrigada por toda a disponibilidade e por me fazeres ver sempre o lado positivo.

Aos meus pais, por serem os melhores exemplos de garra, força e convicção. Obrigada por nunca me deixarem desistir e por me apoiarem em todas as minhas decisões. Sei que nunca vou conseguir retribuir-vos aquilo que fizeram por mim.

Ao Rui pela paciência, pelo apoio incondicional e pela palavra na hora certa. Obrigada por acreditares sempre em mim, mesmo quando eu não acredito.

Ao English, por toda a ajuda e por todo o apoio. Foste incansável, e se hoje estou onde estou muito te devo a ti.

À Ana, à Bárbara, à Bianca e à Leninha, por terem partilhado este percurso comigo e por serem as melhores amigas que a faculdade me poderia dar. Em especial à Isabel, por ser das amigas mais bonitas que tenho dentro da faculdade, por me apoiar e por saber sempre o que dizer sempre na altura certa.

A todas as minhas colegas pela partilha e entajuda . Em especial à Luísa, por ter partilhado comigo uma das melhores experiências da minha. Obrigada por toda a ajuda e por toda a motivação. Que um dia, tal como prometemos possamos lá voltar.

A todos aqueles que se cruzaram comigo ao longo destes 5 anos. Desejo-vos as maiores felicidades do mundo!

*“You have to understand,  
that no one puts their children in a boat  
unless the water is safer than the land  
no one burns their palms  
under trains  
beneath carriages  
no one spends days and nights in the stomach of a truck  
feeding on newspaper unless the miles travelled  
means something more than journey.  
no one crawls under fences  
no one wants to be beaten  
pitied”*

– Warsan Shire

## Índice

Introdução .....	1
Enquadramento Teórico .....	2
Crise de Refugiados na Europa .....	2
Human Smuggling .....	3
Impacto Psicológico .....	6
Método .....	10
Participantes.....	10
Instrumentos .....	11
Procedimento de recolha dos dados.....	11
Procedimento de análise dos dados .....	12
Resultados .....	13
Conclusão .....	22
Referências Bibliográficas .....	23
ANEXOS.....	29

## **Resumo**

Existem milhões de pessoas forçadas a deixar o seu país de origem devido a múltiplos motivos. Dada a impossibilidade de cruzar fronteiras de forma legal, os refugiados muitas vezes têm que recorrer a *smugglers*. Ao longo de todo o seu percurso enfrentam experiências adversas que se traduzem em impacto e consequências. O objetivo geral deste estudo é compreender as trajetórias e narrativas dos participantes acerca do *human smuggling* em requerentes de asilo. A recolha de dados foi realizada no campo de refugiados de Kara Tepe, (Grécia) através de uma entrevista semiestruturada a 15 requerentes de asilo.

Os principais resultados apontam para a insegurança como o principal motivo para abandonar o país de origem, assim como uma predominância da utilização da via terrestre e marítima para chegar à Grécia. Relativamente à viagem, é referido por quase todos os participantes o recurso quer à via terrestre quer à via marítima. Ao longo destas viagens são narrados os principais perigos. Ao nível do impacto psicológico percebeu-se que a exposição a experiências adversas se traduziu em medo, stress e incerteza face ao futuro. Os principais resultados identificam a necessidade de apoiar e proteger os requerentes de asilo ao longo de toda a sua trajetória.

**Palavras-chave:** requerentes de asilo, human smuggling, impacto psicológico

## **Abstract**

There are millions of people forced to leave their home country for multiple reasons. Given the impossibility of legally crossing borders, refugees often have to resort to smugglers. Throughout their journey they face adverse experiences that translate into impact and consequences. The general objective of this study is to understand participants' trajectories and narratives about human smuggling in asylum seekers. Data collection was carried out at the Kara Tepe refugee camp in Greece through a semi-structured interview with 15 asylum seekers.

The main results point to insecurity as the main reason to leave the country of origin, as well as a predominance of the use of land and sea routes to reach Greece. With regard to travel, almost all participants report the use of both land and sea. Throughout these journeys are narrated the main dangers. At the level of psychological impact it was realized that exposure to adverse experiences translated into fear, stress and uncertainty towards the future. The main results identify the need to support and protect asylum seekers throughout their careers.

**Keywords:** asylum seekers, human smuggling, psychological impact

## Introdução

De acordo com o último relatório da ACNUR (2018), verificou-se que entre 2009 e 2018 foi atingido o recorde de indivíduos forçados a abandonar o seu país de origem. Dos 70,8 milhões de indivíduos registados em 2018, cerca de 30 milhões são refugiados e 3,5 são requerentes de asilo. Os principais motivos associados a este aumento devem-se à existência de conflitos violentos (e.g. guerra da síria), perseguições, violações de direitos humanos e outras formas de violência generalizada.

Apesar das dificuldades existentes em estimar o número de passagens irregulares nas fronteiras mundiais, o United Nations Development Programme (UNDP) indica que em 2009 foram registados 50 milhões de migrantes irregulares, tendo-se verificado um aumento para 58 milhões em 2017 (Global migration). Porém, no que concerne às fronteiras europeias houve um decréscimo, uma vez que, pelo terceiro ano consecutivo, o número de entradas ilegais na Europa diminuiu, devido a um aumento da fiscalização nas zonas fronteiriças. Este aumento potenciou a detenção de muitos indivíduos que se encontravam dentro de meios de transporte terrestre e/ou marítimo (Frontex 2019). Dado o maior controlo fronteiriço, a limitada existência de vias legais em função do elevado número de migrantes existentes e os elevados custos da migração legal levam os refugiados a recorrer ao *human smuggling* (UNODC, 2018).

O processo de refúgio impõe aos refugiados inúmeras desafios psicossociais que estão relacionados com as ameaças à sobrevivência, a experiências traumáticas e à integração num ambiente culturalmente diferente (Beiser et al., 2010; Karunakara et al., 2004; McMichael e Manderson, 2004; Stewart et al., 2010; Kurban & Liamputtong, 2017). Estas experiências podem resultar em consequências negativas ao nível da saúde física e mental, tais como o desenvolvimento de sintomas de depressão, ansiedade e sintomas de perturbação de stress pós traumático (Bogic, Njoku, & Priebe, 2015; Nickerson et al., 2017; FarHat et al., 2018). Neste sentido o presente estudo procura contribuir para compreender as trajetórias e narrativas acerca do *human smuggling* em requerentes de asilo.

Na próxima secção deste trabalho será apresentado um breve enquadramento teórico, através do qual é possível perceber o estado da arte acerca da atual crise de refugiados, *human smuggling* e impacto psicológico decorrente de toda a trajetória. No que concerne ao método, de cariz qualitativo, serão analisados dados de entrevistas semiestruturadas com requerentes de asilo que aguardam o processo de recolocação. Estas entrevistas foram realizadas no campo de Kara Tepe na Grécia.

## **Enquadramento Teórico**

### **Crise de Refugiados na Europa**

Devido ao surgimento de más condições económicas, conflitos e instabilidade política, muitos indivíduos encontram-se deslocados de suas casas (McMichael, 2016). Segundo a Convenção das Nações Unidas relativa ao Estatuto dos Refugiados (1951), considera-se refugiado aquele que teme ser perseguido por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas, e por isso se encontre fora do seu país. Nesta mesma Convenção são estabelecidos os direitos e os deveres dos refugiados nos países que os acolhem, assim como informação relativa ao seu bem-estar e informação acerca da sua situação jurídica e de emprego. Nesta lógica, ficou determinado que todos os refugiados têm a obrigação de se conformar às leis, regulamentos e às medidas tomadas do país em que se encontram. Por outro lado, os países acolhedores devem seguir a informação disposta nesta convenção sem apresentar discriminação quanto à raça, religião ou país de origem e devem ainda proporcionar a estes, liberdade quanto à prática da sua religião.

Importa referir que existem diferenças relativamente ao conceito de refugiado e requerente de asilo. Requerente de asilo trata-se de “um estrangeiro ou um apátrida que apresentou um pedido de asilo ou de proteção subsidiária que ainda não foi objeto de decisão definitiva” (Lei do Asilo n.º 27/2008 de 30 de junho, 2008, p.4004). Assim, um requerente de asilo é um indivíduo que abandonou o seu país e busca proteção internacional, mas a quem ainda não foi concebido o estatuto de refugiado (Lei do Asilo n.º 27/2008 de 30 de junho, 2008, p.4004).

Aquela que tem sido denominada de “crise de refugiados na Europa”, tem sido comparada às situações vividas no continente europeu durante e imediatamente após a segunda guerra mundial, quando se estima que tenha havido cerca de 60 milhões de refugiados (Oliveira, Peixoto & Góis, 2017). Em 2015, o ano do pico desta ‘crise de refugiados’, foram registadas as entradas de mais de um milhão de requerentes de asilo no território da União Europeia, maioritariamente por via marítima (OIM, 2016; Teles, 2017), através da Itália e da Grécia. A maioria destes indivíduos eram provenientes da Síria (73%), Afeganistão (20%) e Iraque (7%), e fugiram dos seus países devido à situação de conflito vigente nos mesmos (Teles, 2017). Deste modo, conflitos políticos como a primavera árabe, a crise na Síria e a instabilidade no médio oriente, nomeadamente em países como o Iraque e o Afeganistão, foram cruciais para o despoletar da “crise de refugiados na Europa” (Dimitriadi, 2016). Não tendo sido despoletados os mecanismos de proteção internacional necessários à resposta a esta crise humanitária –

nomeadamente, através da criação de corredores humanitários, permitindo que os requerentes de asilo pudessem chegar a países seguros de por vias legais – o recurso a redes de *smuggling* para auxílio na fuga dos países mencionados e travessia até a um país da União Europeia afigurou-se como a única solução para estes milhares de requerentes de asilo.

### **Human Smuggling**

Por *human smuggling* entende-se “a aquisição, para obter, direta ou indiretamente, um benefício financeiro ou material, da entrada ilegal de uma pessoa em um Estado do qual ela não é nacional ou residente permanente” (artigo n.º 3 do Protocolo contra o Contrabando de Migrantes por Terra, Mar e Ar) que contempla a Convenção das Nações Unidas contra o Crime Organizado e Transnacional. Isto é, o *human smuggling* ocorre quando o *smuggler* facilita o transporte ou a entrada ilegal de um indivíduo num país, com o objetivo de ter lucro (Can we put the end). O *Human Smuggling*, afeta todas as regiões do mundo em diferentes proporções. De acordo com o estudo global da United Nations Office on Drugs and Crime (UNODC) (2018), no mínimo 2,5 milhões de migrantes recorreram ao *human smuggling* em 2016. Entre todas as pessoas que recorrem a estas redes, os refugiados apresentam o número mais significativo, sobretudo na rota do Mediterrâneo Oriental; à falta de vias legais de fuga à violência que se instalou nos seus países, indivíduos maioritariamente provenientes da Síria, Iraque e Afeganistão recorrem a *smugglers* para chegar a um destino seguro (can we put the end on smuggling; UNODC, 2018).

O debate acerca das distinções nos conceitos existentes entre o tráfico de seres humanos e o *human smuggling* surgiu em meados da década de 1990, porém, em 2000 ainda não parecia existir uma distinção clara destes dois construtos. Apesar dos evidentes esforços no sentido de clarificar os referidos conceitos, ainda se verifica um uso indevido dos termos, o que gera confusão no que diz respeito à análise destes fenómenos (UNODC, 2018). Por tráfico de seres humanos, entende-se “o recrutamento, o transporte, a transferência, o alojamento ou o acolhimento de pessoas, recorrendo à ameaça ou ao uso da força ou a outras formas de coacção, ao rapto, à fraude, ao engano, ao abuso de autoridade ou de situação de vulnerabilidade ou à entrega ou aceitação de pagamentos ou benefícios para obter o consentimento de uma pessoa que tem autoridade sobre outra para fins de exploração. A exploração deverá incluir, pelo menos, a exploração da prostituição de outrem ou outras formas de exploração sexual, o trabalho ou serviços forçados, a escravatura ou práticas similares à escravatura, a servidão ou a extração de órgãos” (Baird, 2013; ONU, 2000).

Salienta-se ainda que as diferenças entre tráfico de seres humanos e *human smuggling* dizem respeito à atividade, aos meios e ao propósito da ação (Baird, 2013). Estas são: a fonte de lucro, a transnacionalidade e a vitimação. Relativamente à fonte de lucro, no caso do tráfico de seres humanos, a exploração para obtenção de lucro “permanente” é o principal objetivo, o que não se verifica no caso do *human smuggling* uma vez que o *smuggler* gera os seus lucros facilitando a entrada ou permanência ilegal em determinado país. No que respeita à transnacionalidade, no caso do *human smuggling*, esta dimensão está sempre presente por definição dado que envolve sempre dois países. No caso do tráfico o carácter transnacional também pode estar presente, mas também pode ocorrer dentro do país de origem da vítima sem envolver qualquer passagem fronteiriça. Ao nível da vitimação existem também diferenças na medida em que o *smuggling* não envolve necessariamente uma vitimação, uma vez que frequentemente os migrantes consentem este procedimento ilegal. O que não se verifica no caso do tráfico de seres humanos dado que a sua vitimização ocorre sempre. Apesar destas vítimas darem o seu consentimento, este na maioria dos casos é dado para algo fraudulento, levando as vítimas a não saber o que lhes poderá acontecer (UNODC, 2018).

O recurso ao *smuggling* pode acontecer no início, no meio ou no final da trajetória, utilizando diferentes formas e meios porém expondo os participantes a elevados perigos. Existem várias formas de executar o *human smuggling* podendo estas variar de acordo com os métodos, as vias utilizadas e tipos de transporte. A utilização de diferentes métodos, determinadas rotas e por vezes combinações de diferentes tipo de transporte varia em função do valor definido pelo *smuggler*, podendo este alterar-se em função da garantia das necessidades básicas (e.g. comida e água) e garantias de segurança (e.g. utilização de coletes e utilização de telemóveis via satélite caso seja necessário alertar as autoridades). Os meios económicos, tempo disponível, controlos fronteiriços, ameaças percebidas, geografia, políticas e a conexão entre *smugglers*, são os principais fatores que definem qual a rota a seguir e o transporte a utilizar (UNODC, 2018). No que toca à duração deste processo, este varia em função da rota utilizada, da organização da mesma e do serviço requisitado. Em casos em que o requisitado é a viagem completa (desde o país de origem até ao país de destino), é facultado ao indivíduo cada etapa da viagem assim como pontos e contactos onde se deve dirigir. Por outro lado, existem viagens mais curtas e individuais sendo os indivíduos a decidir em função do seu dinheiro, da urgência da sua viagem e da probabilidade de ser bem sucedida. Nestes casos, existe uma comunicação com os *smugglers* que se encontram em cada ponto (European Commission, 2015).

Ao nível das vias utilizadas e dos transportes, os *smugglers* podem recorrer a vias terrestres, marítimas e aéreas, porém muitas rotas envolvem mais do que um meio de transporte levando a que estas por vezes sejam indiretas, isto é, os *smugglers* recorrem a rotas desviadas de modo a evitar estradas com polícia, controlos fronteiriços e jurisdições (Morehouse & Blomfield, 2011). Relativamente às vias aéreas, estas são identificadas como os meios mais caros mas em geral mais seguros. Este método requer uma maior planificação e organização face aos outros meios que vai desde, a falsificação de documentos ao suborno a funcionários. Dada a maior planificação desta rota, podem ser utilizados mais que um tipo de aviões inclusive na mesma viagem (UNODC, 2018). No que concerne à via terrestre, esta é mencionada na literatura como o meio mais utilizado uma vez que ao longo da viagem, os indivíduos podem esconder-se em esconderijos, em carros, carrinhas ou camiões (EMSC, 2018). Os meios de transporte utilizados podem variar desde carros, autocarros, camiões e em alguns casos comboios, porém o deslocamento pedonal é o mais utilizado (UNODC, 2011). O apoio do *smuggler* nesta rota está associado à indicação de quais rotas seguir permitindo o contorno dos controlos fronteiriços (UNODC, 2011). No caso das vias marítimas existem evidências que comprovam que esta via é a mais perigosa. Os transportes utilizados podem variar desde barcos de pesca, lanchas, barcos à vela, barcos de madeira ou de borracha (UNODC, 2011). O modo de operação habitualmente está associado à utilização de mais que um barco, um maior que transporta os indivíduos para determinado ponto estratégico em alto mar onde serão transferidos para o segundo barco, um barco mais pequeno. Feita a transação, habitualmente o *smuggler* regressa ao ponto de partida, atribuindo a responsabilidade da condução do barco a um dos tripulantes (UNODC, 2011). A utilização destes barcos de grande porte tem como vantagem o transporte de maior número de pessoas, sem salvaguardar os seus direitos o que consequentemente aumenta o lucro do *smuggler* (UNODC, 2011).

Todos os anos, milhares de pessoas morrem durante o processo de *human smuggling* devendo-se a acidentes, climas severos, condições de terreno e em alguns dos casos mortes deliberadas, que de acordo com a (UNODC, 2018), a maior parte destas ocorre ao longo das rotas marítimas. Importa ainda considerar que os refugiados são também expostos a outras formas de crime, tais como, violência, violações, roubos, sequestros ou tráfico. Em algumas situações o esforço para obter lucro do *smuggler*, pode levá-lo a negligenciar a segurança dos migrantes durante a viagem (e.g. sair sem comida, utilizar veículos com defeito) (UNODC, 2018). De acordo com um estudo da RMMS, os refugiados e requerentes de asilo são sujeitos a viagens em contentores sem ar e barcos superlotados, alguns relatos referem que a obtenção de necessidades básicas está comprometida bem como serviços de saúde (RMMS).

Importa ainda referir que, em alguns casos, o que começa com *human smuggling* pode tornar-se numa situação de tráfico de seres humanos. Estas situações acontecem frequentemente quando o valor da viagem é elevado e o indivíduo não dispõe de condições económicas para realizar este pagamento. Assim, com medo de que o *smuggler* o denuncie, cede às exigências do mesmo, podendo estas estarem relacionadas com trabalhos forçados ou exploração sexual (OECD, 2015).

### **Impacto Psicológico**

Refugiados e/ou requerentes de asilo enfrentam múltiplos desafios diários. Estes acontecem no seu país de origem, durante a fuga e contextos de transição, como no momento de recolocação ou reinstalação num país de acolhimento. Tratam-se de acontecimentos frequentemente repetidos, prolongados e de natureza interpessoal demonstrando um efeito prejudicial na saúde mental dos requerentes de asilo (Nickerson et al., 2017). Os motivos que levam os indivíduos a solicitar asilo envolvem fatores com potencial para o desenvolvimento de problemas como a depressão, a perturbação de stress pós-traumático, e outros problemas relacionados com o trauma (Marshall, Schell, Elliot, Berthold, & Chun, 2005; Kolassa, Ertl, V., Eckart, Kolassa, Onyut, & Elbert, 2010). Existe, por isso, um reconhecimento global para a compreensão e atuação nas necessidades de saúde mental dos refugiados e requerentes de asilo em todo o mundo (Nickerson et al., 2017).

De acordo com Crowley (2009), existem três fases no processo de asilo que constituem um impacto evidente na saúde mental dos requerentes de asilo, sendo essas fases o pré-refúgio, o momento de fuga e o processo de recolocação. No caso do pré-refúgio, são identificados como fatores de impacto psicológico, o estatuto socioeconómico e educacional, a rutura de papéis e das redes de suporte social, o trauma relativo às experiências adversas no momento de conflito (e.g. bombas, prisão, tortura e violência), a severidade dos mesmos e a ameaça percebida. Durante o momento de fuga, Kirmayer e colaboradores (2011) mencionam que o impacto psicológico nesta fase está relacionado com duração e as rotas utilizadas, a exposição a adversidade e a rutura de laços familiares. Por fim, na fase de recolocação, o impacto psicológico face ao processo de integração social implica requisitos e capacidades cognitivas e interpessoais funcionais que os refugiados com problemas psicológicos não são capazes de desempenhar (Schick et al., 2016; De Vroome, & Tubergen, 2010; Bakker, Dagebos, & Engbersen, 2014).

Aigabi e Wilson (2005) definem trauma como um evento stressante que apresenta desafios extraordinários a nível do coping e da adaptação. Segundo o Manual de Diagnóstico e

Estatística das Perturbações Mentais (American Psychiatric Association, 2013), o trauma inclui experienciar, testemunhar ou confrontar situações que envolvam morte ou ameaça à integridade física do indivíduo ou dos outros. Constitui-se como um acontecimento traumático aquele cujo impacto supera a capacidade de adaptação, e os recursos emocionais e cognitivos do indivíduo (Herman, 1992), caracterizando-se por um sentimento de impotência. Rosseau, Mekki - Berrada e Moreau (2001) definem trauma como um conjunto de eventos stressantes que estão diretamente associados ao contexto de guerra ou conflito armado. Estes apresentam três características comuns: são incontrolláveis, devido à sua ocorrência não poder ser antecipada; são percebidos como negativos por estarem relacionados com situações adversas e implicarem um sofrimento físico e psicológico e são extraordinários na medida em que desorganizam os sistemas da vida do indivíduo (Carlson & Dalenberg, 2000; Foa, Zinbarg & Rothbaum, 1992; Herman, 1992).

Segundo Martin & Yankay (2014), a exposição ao trauma no caso dos refugiados está habitualmente associada à perseguição e violência levando-os a fugir dos seus países de origem. As experiências de violência relacionadas com conflitos e preocupações são intensificadas por situações diárias de stress, tais como, a pobreza, a falta de necessidades e serviços básicos, o risco de violência, a exploração, a discriminação, a perda de familiares e a incerteza face ao futuro (Hassan et al., 2015). Segundo Martins-Borges (2013), dado o carácter involuntário e repentino das suas fugas, os refugiados levam consigo muito pouco daquilo que caracteriza a sua identidade estando estas partidas frequentemente relacionadas com traumas e sofrimento psicológico ao qual foram submetidos. Apesar do impacto da exposição traumática variar de acordo com vários factores, tais como, país de origem, características dos conflitos e factores pessoais, a intensidade da exposição é geralmente elevada entre refugiados e requerentes de asilo (Nickerson et al., 2017).

O trauma pode ter efeitos indirectos e contínuos que aumentam a vulnerabilidade dos indivíduos face a futuras situações adversas (Steel, Silove, Bird, McGorry, & Mohan, 1999). Por exemplo um refugiado que tenha experienciado uma situação adversa e tenha sido capaz de manter o seu funcionamento normal pode, quando confrontado com situações de elevado stress no processo de realojamento, apresentar sintomas de stress pós-traumático (Steel et al., 1999).

Segundo Fegert, Diehl, Leyendecker, Hahlweg e Prayon-Blum (2018) refugiados que abandonaram o seu país de origem devido à guerra, apresentam um risco maior para o desenvolvimento da perturbação de stress pós-traumático, assim como outros problemas relacionados com o trauma, que poderá desencadear comportamentos disfuncionais dificultando a sua capacidade de adaptação.

Os efeitos das experiências precoces de trauma dependem de características tanto do indivíduo como do contexto social antes e depois da adversidade (Schaffer, 2000). O impacto psicológico de um acontecimento traumático é subjetivo, isto é, depende de vários aspetos como: características individuais, personalidade, estratégias de *coping*, história de exposição a acontecimentos traumáticos anteriores; da intensidade do acontecimento, da sua natureza e duração e do suporte social (Carlson & Dalenberg, 2000; Herman, 1992). Rosseau, MekkiBerrada e Moreau (2001), sugerem que existe uma clara relação entre o trauma e a separação de elementos da família, desencadeando um impacto significativo no sofrimento emocional.

Além das sequelas psicológicas, as experiências adversas e potencialmente traumáticas também podem despoletar estratégias de *coping* e fontes de resiliência (Goodman, 2013). Muitos indivíduos quando expostos a situações potencialmente traumáticas, mostram uma elevada resistência psicológica e não exibem as consequências expectáveis. Segundo Masten, Best e Garmezy (1990), os fatores de proteção atenuam os efeitos da vulnerabilidade individual e dos perigos do meio para que a trajetória de adaptação seja mais positiva. Relativamente às trajetórias dos refugiados, são identificados fatores de proteção como a resiliência, inteligência, o temperamento fácil, as boas estratégias de coping e resolução de problemas, a religião e a fé em algo superior (Garmezy & Rutter, 1985).

De um modo geral a resiliência refere-se a um processo dinâmico que tem por base a capacidade que o indivíduo tem face a experiências de elevada adversidade de desenvolver mecanismos positivos de adaptação (Garmezy & Masten, 1994; Rutter, 1987, 2007; Luthar, Cicchetti & Becker, 2000; Masten & Obradovic, 2006). Trata-se de um padrão de competências e eficácia face a circunstâncias de adversidade extraordinária (Rutter, 2007). Perante a exposição a condições e a acontecimentos extremamente adversos e potencialmente traumáticos, existem indivíduos que manifestam uma elevada resistência psicológica não apresentando sequelas que seriam expectáveis em determinada situação (Agaibi & Wilson, 2005; Garmezy & Masten, 1994; Lazarus & Folkman, 1984; McLaughlin, Doane, Costiuc & Feeny, 2009; Rutter, 1987; Rutter, 2007).

Luthar, Cicchetti e Becker (2000) e Rutter (2007) afirmam que a resiliência não deve ser considerada um traço da personalidade ou um fator inato ou estático, mas sim um processo dinâmico e evolutivo que transpõe a capacidade de adaptação individual. Um indivíduo só poderá ser considerado resiliente a determinada situação após a exposição à mesma, isto é, a resiliência só pode ter condições para emergir na existência de uma confrontação do indivíduo com o risco. O carácter dinâmico deste conceito relaciona-se com isto mesmo, um indivíduo

pode ser resiliente perante um acontecimento e não o ser perante outra situação. Embora com características relativamente estáveis, a resiliência pode sofrer alterações ao longo da trajetória do indivíduo (Rutter, 2007).

Ziaian, Anstiss, Antoniou, Baghurst e Sawyer, (2012) afirmam que a resiliência aumenta com o passar do tempo, isto é, desde que o acontecimento traumático é experienciado até ao processo de aculturação. Deste modo, a exposição ao trauma não reduz necessariamente a resiliência nos refugiados, porém, pode influenciar a capacidade de aceitação da mudança e o sentimento de segurança nos relacionamentos.

## Método

A presente investigação tem como objetivo geral compreender as trajetórias e narrativas dos requerentes de asilo, no que concerne: aos motivos para abandonar o país de origem; à experiência de fuga e travessia com recurso a redes de human smuggling; ao impacto psicológico destas experiências.

Neste estudo será adotada uma abordagem de cariz qualitativo uma vez que pretende compreender as perspetivas dos participantes relativas ao fenómeno em estudo, assim como conhecer as suas experiências, significados e vivências. Esta abordagem revela-se pertinente no estudo da população refugiada uma vez que permite o acesso aos participantes, às suas experiências e perceções, assim como valoriza a interpretação com o intuito de obter especificidades dos contextos analisados e compreender as perceções individuais (Bell, 2004; Zeno, 2017). A presente investigação procura ainda obter mais informações que permitam determinar os limites ou características do tema em investigação (Bazeley & Jackson, 2013). Na metodologia qualitativa os participantes assumem um papel crucial na investigação, uma vez que estes são a principal fonte de informação acerca do fenómeno. Deste modo, o investigador deve promover o fornecimento de informação por parte dos participantes com o objetivo de estes partilharem a informação necessária para formular uma teoria (Fortin, 1999).

## Participantes

Relativamente ao processo de seleção dos participantes, estes foram selecionados tendo por base um processo de amostragem não probabilística, nomeadamente o método da amostragem teórica, segundo o qual os conceitos derivam dos dados.

Para a realização deste estudo foram entrevistados **15 indivíduos**, dos quais três são do sexo feminino e 12 do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 16 anos e os 62 anos ( $M_{idade} = 28$ ). Relativamente à nacionalidade, oito eram sírios, quatro iraquianos e três afegãos. Quanto ao estado civil e ao número de crianças, oito eram casados, com um a cinco filhos, e sete eram solteiros, sem filhos.

No que respeita ao nível de escolaridade, cinco referiam o ensino secundário, três tinham o diploma universitário, uma escola completa e as restantes não forneciam essa informação. Dos sete que especificaram a sua religião, quatro praticavam o Islamismo, um era Muçulmano não praticante, um era Cristão não praticante e um era Ateu. Em relação ao apoio psicológico, seis dos 10 participantes que responderam a esta questão, nunca receberam apoio psicológico, dois receberam no passado e dois estavam a receber no momento da recolha de dados. Relativamente à medicação, nove participantes não foram medicados, um tomou

comprimidos para dormir prescrito por um psiquiatra e os restantes não divulgaram essa informação.

Em relação ao momento em que abandonaram o seu país de origem, o tempo variou entre cinco meses a 15 anos e dois participantes não responderam. Em relação à permanência na Grécia, esta variou entre quatro meses e dois anos e dois participantes não revelando essa informação.

### **Instrumentos**

O questionário sociodemográfico é constituído por questões de resposta curta ou alternativa referindo-se a questões como: idade, género, local de residência (cidade ou distrito), naturalidade, nacionalidade, estado civil, parentalidade, composição do agregado familiar, escolaridade, situação profissional, religião, questões relacionadas com a saúde mental, questões relacionadas com a saúde física e o uso de substâncias, o tempo que passou desde que abandonou o país de origem, o tempo que passou desde que foi acolhido e, se aplicável onde esteve quando abandonou o país de origem e antes de chegar ao país atual.

Foi também utilizada uma entrevista semiestruturada, com um guião previamente elaborado de acordo com os objetivos do projeto. Sendo uma entrevista semiestruturada houve a facilidade de desenvolvimento de uma relação informal entre o entrevistador e o entrevistado, privilegiando a colocação de questões abertas – com o intuito de os participantes se expressem acerca do tema em questão não adotando a terminologia do entrevistador e, por essencialmente permitir que o investigador compreenda o ponto de vista e a realidade do sujeito (Yin, 2015). Assim esta entrevista estava dividida nos seguintes temas: a vida no país de origem e motivos para abandonar o mesmo; a experiência transitória; saúde mental; estratégia de coping e expectativas para o futuro. Por fim, foi colocados aos participantes se gostariam de acrescentar mais algum aspeto e pedido uma mensagem dos/as mesmos/as para Portugal.

### **Procedimento de recolha dos dados**

A recolha de dados foi realizada no campo de refugiados de Kara Tepe (Lesvos, Grécia) a requerentes de asilo, sendo previamente pedida a autorização ao diretor do campo. De modo a facilitar a recolha e análise dos dados as entrevistas foram realizadas em inglês, com participantes que mostrassem domínio da língua ou na presença de um tradutor da língua materna do/a entrevistado/a. O consentimento informado foi adquirido verbalmente, no qual foi explicado aos participantes quais os objetivos e instrumentos do estudo, foram ainda evidenciadas as questões da confidencialidade e participação voluntária e pedida a autorização

de gravação em modo áudio das entrevistas com o objetivo de simplificar a transcrição e posterior análise.

### **Procedimento de análise dos dados**

No que concerne ao tratamento e análise de dados, esta investigação partiu de um conjunto de dados para elaborar um resumo do fenómeno observado e pela análise das possíveis relações e explicações (Almeida & Freire, 2003), baseando-se assim numa lógica indutiva. As entrevistas foram transcritas na íntegra e a análise de dados iniciou-se com uma leitura flutuante das entrevistas de modo a identificar as palavras ou expressões relacionadas com as experiências descritas pelos/as participantes. Em seguida avançamos para a análise dos códigos mantendo as palavras dos participantes. Por fim, avançamos para a codificação axial, através da qual se estabelece relação entre códigos, categorias e subcategorias (Corbin & Stauss, 1998). Para isto, foi utilizado o *software* informático NVivo11. Relativamente ao tratamento e a análise de dados foi utilizado o método *Grounded Analysis* segundo o qual não são criadas grelhas de categorias à priori sendo as categorias construídas indutivamente a partir dos dados até atingir a saturação teórica. Segundo Bardin, (1977) a análise de dados qualitativos implica inicialmente uma organização de todo o material, dividindo-o em partes de acordo com as suas categorias e características em comum. Importa referir que este método procura ir além da descrição do fenómeno, procurando descobrir uma teoria para um processo ou ação (Creswell & Poth, 2017).

## Resultados

A apresentação dos dados resultantes da análise levada a cabo será organizada em quatro grandes temáticas: 1) motivos para abandonar o país de origem, 2) a viagem, 3) vida na Turquia, 4) impacto psicológico.

### 1) Motivos para abandonar o país de origem

Quando inquiridos sobre os motivos que os levaram a abandonar os seus países de origem, a questão da **insegurança** (n= 15) emerge como denominador comum a todos os participantes entrevistados (*“Havia muitas explosões e fogo por causa da guerra e estava a ver muitas pessoas a morrer na rua. Por causa disso, saí da Síria.”* – homem sírio, 29 anos). À exceção de um participante, cuja fuga do país de origem se deveu a **problemas com a Máfia**, estes relatos de insegurança e receio pela vida associam-se a cenários de **guerra** (*“...estávamos com medo a toda a hora por causa da guerra. Era muito difícil”* – mulher síria, 34 anos; *“Quando começou a grande guerra entre os soldados turcos e os soldados curdos, fui para a Turquia.”* – homem sírio), e de violência perpetrada pelo autoproclamado Estado Islâmico – designámos esta subcategoria por **‘terrorismo’**, (*“A minha família ficou A minha família ficou em Kobani. Depois, começou a guerra em Kobani. Os soldados do Estado Islâmico foram para Kobani. A guerra em Kobani começou com o Estado Islâmico, não com o exército sírio. Então, os meus pais e a minha avó saíram de Kobani e também foram para a Turquia.”* – jovem sírio, 24 anos). Nas narrativas dos participantes relativamente à vivência destes cenários de conflito, surgem referências às **mortes** e à **destruição** (*“Quando voltamos, estava tudo destruído. Havia sangue e mortos em todo o lado. Estava tudo destruído. Se as coisas já estavam más, ficaram muito pior.”* – mulher síria, 31 anos), sendo que um dos participantes referenciou concretamente a **morte de familiares** (*“Depois da guerra, muitas pessoas da minha família morreram, muitos foram para a Alemanha ou para outro país... Não consigo falar com eles, não temos o contacto uns dos outros.”* – homem sírio, 32 anos). Os participantes descrevem ainda o **medo** sentido (*“...Estávamos com medo a toda a hora por causa da guerra”* – mulher síria, 34 anos), e a sensação de incerteza e **imprevisibilidade** constantes (*“Era uma vida cheia de surpresas todos os dias. Todos os dias havia novos problemas”* – jovem iraquiano, 20 anos).

Para além da insegurança são também mencionadas pelos participantes as **más condições de vida**. Por más condições de vida os mesmos referem dificuldades de aceder a **alimentação (n=3)** durante e no pós guerra (*“Quando começou a guerra, a comida não chegava a nós. Estava a morrer muita a gente à fome, porque não havia comida. Eu via muita gente a morrer nas explosões e nos tiroteios. Eu via com os meus próprios olhos. Eu fiquei uma semana*

*sem pão, sem nada, só a comer esparguete, porque era só isso que eu tinha. Sem sal, sem molho, só esparguete.*” – jovem sírio, 24 anos). Um participante refere ainda o difícil acesso a cuidados de saúde e à educação após a guerra se ter instaurado e dois participantes mencionam como consequência da guerra problemas com os seus empregos (“*Eu trabalhava para o governo afegão e era um trabalho muito difícil. Causou-me muitos problemas, tive muitas dificuldades.*” – homem afegão, 62 anos). Identificado também como motivo para abandonar o país de origem foi a discriminação sentida por dois dos participantes. Esta discriminação deveu-se a motivos étnicos (“*Abri uma loja de compra e venda de telemóveis, com um nome curdo que significava “Sul da Síria”. A polícia turca e a população turca começaram a criar-me muitos problemas por ser curdo.*” – homem sírio, 32 anos) e a motivos religiosos (“*Também saímos por motivos religiosos, porque os muçulmanos têm religiões diferentes, estão divididos.*” – homem afegão, 62 anos).

## **2) A Viagem**

Da análise dos dados, foi possível perceber que as narrativas dos participantes relativamente ao percurso desde o país de origem até Lesbos seguiam a cronologia da viagem e demarcavam a mesma em três grandes momentos: travessia terrestre, período de espera na Turquia e travessia do mar Egeu em direção a Lesbos.

A maioria dos participantes (n=10) fez todo o percurso, desde o país de partida até à Grécia, juntamente com a família (*Sim, toda a família veio junta.* – mulher síria, 43 anos). No caso de outros dois participantes, foram sozinhos para a Turquia e posteriormente a família foi ter com eles à Turquia, e fizeram a travessia do mar Egeu juntos. (*Inicialmente, eu fui sozinho para a Turquia. Uma semana depois, a minha família foi para lá* – jovem sírio, 22 anos; *Fui sozinho para a Turquia para trabalhar. A minha família ficou em Kobani. Depois, começou a guerra em Kobani. Os soldados do Estado Islâmico foram para Kobani. A guerra em Kobani começou com o Estado Islâmico, não com o exército sírio. Então, os meus pais e a minha avó saíram de Kobani e também foram para a Turquia* – jovem sírio, 24 anos). No caso de outro participante, fez a viagem para a Turquia juntamente com os pais e irmãos, mas estes decidiram voltar para a Síria (*Eles ficaram seis meses na Turquia. Quando a guerra começou a acabar na nossa cidade, os meus pais voltaram para lá. Eles não tentaram vir para a Grécia* – homem sírio, 29 anos); posteriormente, a esposa e o filho foram ter com ele à Turquia, e foram juntos para a Grécia (*Primeiro, fui para a Turquia a pé com mais 500 pessoas. Foi uma viagem de quatro dias. Quando cheguei à Turquia, fiquei com a minha família durante seis meses. Depois disso, os meus pais, os meus irmãos, a minha esposa e o meu filho voltaram para a Síria. Eu*

*fiquei sozinho na Turquia a trabalhar. Depois, pedi aos meus pais para enviarem a minha esposa e o meu filho para a Turquia para irmos para a Grécia – homem sírio, 29 anos). É mencionado ainda por dois participantes que efectuaram a viagem sozinhos (“Eu saí sozinho. Os meus irmãos e a minha mãe estão no Afeganistão. Eu saí sozinho.” – jovem iraquiano, 20 anos)*

À exceção de um participante, que se deslocou para a Turquia de avião, todos os participantes (n=14) se deslocaram dos seus países de origem para a Turquia por via terrestre. Relativamente à travessia terrestre, verifica-se que para a maioria dos participantes a deslocação até à Turquia foi pedonal (“Primeiro, fui para a Turquia a pé com mais 500 pessoas. Foi uma viagem de quatro dias.” – homem sírio, 29 anos). No caso de outros dois participantes verificou-se que fizeram parte do percurso a pé, mas também foi utilizado o carro como meio de transporte (“Fomos de carro até à fronteira entre o Irão e a Turquia.” – jovem afegão, 17 anos; *Um das partes fui de carro, outras partes fui a pé*” – jovem afegão, 23 anos), e um participante proveniente do Iraque fez todo o percurso de carro (“Fui para a Turquia em 2013. Não fui a pé, fui de carro. Fui de Damasco, no centro da Síria, para o Iraque, do Iraque para o Curdistão e do Curdistão para a Turquia. Com carro e com passaporte.” – jovem iraquiano, 22 anos).

Relativamente às rotas percorridas pelos participantes, verifica-se que no caso dos três provenientes do Afeganistão, um dos participantes não especificou a mesma, mas os dois restantes participantes referiram terem ido do Afeganistão para o Irão (*Primeiro, fui para o Irão e estive lá seis ou sete meses... Depois saí do Irão e fui para a Turquia e fiquei lá um ou dois meses e depois vim para Lesbos*” – jovem afegão, 23 anos; “*Estivemos mais três anos no Irão e fomos para a Turquia*” – jovem afegão, 17 anos), país no qual permaneceram, até se verificar um agravamento das condições de vida, que motivou a vinda para a Turquia. Dos nove participantes que fugiram da Síria, o percurso foi feito atravessando a fronteira entre a Síria e a Turquia (*Fui da Síria para a Turquia* – jovem iraquiano, 22 anos; *Nós ficamos lá até o Estado Islâmico atacar Kobani. Nós fugimos de Kobani para a Turquia e ficamos lá quatro ou cinco meses* – jovem sírio, 22 anos), à exceção de um participante de nacionalidade iraquiana mas que residia na Síria desde a infância, e cuja rota de entrada na Turquia passou pelo Iraque, fazendo a travessia para a Turquia na zona do Curdistão, à semelhança dos outros dois participantes iraquianos (*Sámos do Iraque e fomos para a Turquia. Ficamos lá dois dias. A polícia prendeu o meu pai e tivemos de lhes pagar 200 euros* – jovem iraquiano, 16 anos).

De acordo com os **perigos** identificados pelos participantes ao longo da rota terrestre, estes dizem respeito à permanência na floresta e consequentemente à **ausência de comida** (n=1)

e à existência de **animais perigosos (n=1)** (*“Ficamos na floresta 10 dias à espera de alguém que nos levasse de barco. Já não tínhamos comida. Estávamos a alimentar-nos das árvores. Havia muitas cobras e animais perigosos lá.”* – homem sírio, 32 anos). Para além disso é mencionado também por um participante a travessia de rios.

No que respeita à **travessia marítima**, a deslocação de barco até à Grécia é mencionado pela quase totalidade de participantes (n=14). Ao longo da narrativa, dois participantes referem ter realizado a viagem durante a noite (*“Vim da cidade de Izmir. Começamos a viagem à 1h da manhã e chegamos à Grécia às 8h da manhã.”* – homem sírio) e expõe alguns dos perigos. Ao nível dos **perigos**, por um lado, estes estão relacionados com o carácter ilegal da viagem (*“Nós enfrentamos muitas dificuldades, por estarmos a vir de forma ilegal. Parecia que vínhamos para a boca da morte. Quando viemos de Izmir para a Grécia, achamos que não íamos sobreviver. Pensamos mesmo que íamos morrer.”* – homem afegão, 62 anos) e com a falta de equipamentos de segurança (*“Eu não tinha colete salva-vidas e não sabia nadar...”* – jovem iraquiano, 20 anos), más condições climatéricas (*“Na altura era inverno. Era muito frio e estava a nevar”* – jovem afegão, 23 anos); dois relatam choque com rochas (*“Havia uma rocha no mar e o barco ficou destruído. Toda a gente estava a tentar chegar às duas rochas para se segurarem”* – homem sírio, 32 anos); um menciona problemas com o motor (*“(…) o motor não funcionava, estava sempre a desligar-se”* – jovem afegão, 23 anos); um aponta problemas ao barco (*“O barco estava estragado e estava a chover muito”* – homem sírio); um refere que o benzeno terminou e um que o barco virou. É também narrado por quatro participantes o **recurso a smugglers** para cruzar a fronteira (*“O meu pai pesquisou quais eram as formas de chegarmos cá e encontrou um homem que disse que nos conseguia trazer e nós confiamos nele.”* – jovem afegão, 17 anos). Relativamente ao momento de resgate é identificado por cinco participantes a detenção por parte da polícia Turca (*“Na primeira vez, a polícia turca apanhou-nos”* – jovem afegão, 23 anos), que tendo por base as narrativas dos participantes é percebida com crudeldade (*“Foram muito brutos connosco. Estavam a agarrar a minha mãe com muita força. Quando estavam a passá-la do barco de borracha para o barco da polícia ela caiu e bateu com os dentes no chão.”* – jovem iraquiano, 20 anos). Porém, quatro dos participantes detidos pela polícia turca referiram uma dupla tentativa para chegar a Lesbos, tendo mesmo conseguido (*“Também foi difícil, mas a polícia não nos apanhou e conseguimos vir.”* – mulher síria, 31 anos). Ao longo da viagem é também mencionado por seis inqueridos o resgate por parte da polícia Grega (*“Tivemos muita sorte, porque a guarda costeira grega resgatou-nos e trouxe-nos para a ilha.”* – homem afegão, 62 anos). Este momento de resgate é vivido de forma

positiva (“Quando o barco se aproximou, nós vimos a bandeira grega e toda a gente ficou feliz.” – jovem afegão, 17 anos).

### 3) Vida na Turquia

No que diz respeito à vida na Turquia são identificados **perigos** a que os participantes que foram expostos, nomeadamente a **violência**, por parte dos soldados turcos (n=1) (“Os soldados turcos apanharam-nos quando estávamos a entrar na Turquia e agrediram-nos, a mim e à minha esposa.” – homem sírio, 32 anos), por parte da polícia turca (n=2) (“Depois, a polícia disse-nos “Têm dois dias para sair daqui. Voltem para o Iraque, vão para a Europa... Mas têm de sair da Turquia” – jovem iraquiano, 16 anos) e ainda através da presença do Estado Islâmico na Turquia para dois participantes, tendo um deles revelado a existência de ameaças por parte deste grupo para que abandonasse a Turquia (“Depois, muitos soldados do Estado Islâmico começaram a ir para a Turquia e muitos desses soldados eram de DIALA, a minha cidade no Iraque. Eles conheciam o meu pai e conheciam-me a mim. Muitos diziam “O teu pai tem de morrer”. Depois disso, eu também saí da Turquia.” – jovem iraquiano, 22 anos). Um outro tópico abordado é a discriminação étnica existente que no caso de um participante levou a que este fosse encarcerado (“Quando chegamos à Turquia, ficamos a viver na cidade de Mersin durante cinco anos. Abri uma loja de compra e venda de telemóveis, com um nome curdo que significava “Sul da Síria”. A polícia turca e a população turca começaram a criar-me muitos problemas por ser curdo. Fui algemado e detido pela polícia.” – homem sírio, 32 anos).

### 4) Impacto Psicológico

No que respeita ao **impacto psicológico** das experiências adversas supra mencionadas, é referido por sete participantes medo (Estávamos com muito medo por causa dos nossos filhos. Estávamos com eles ao colo, a abraçá-los e só pensávamos “Nós vamos conseguir chegar lá com os nossos bebés” – mulher síria, 31 anos), *inclusive* uma das participantes especifica que o medo em parte se devia à preocupação com mortes durante a viagem (“Sim. Porque nós ouvíamos que se perdiam muitas vidas no mar.” – mulher síria, 31 anos). É também referido por um participante stress durante a viagem (“Toda a gente estava em stress” – jovem iraquiano, 17 anos), cinco mencionam incerteza em relação ao futuro (“Primeiro, queríamos vir para a Europa, mas, quando fomos para a Turquia, as fronteiras europeias fecharam. Então, ficamos na Turquia durante dois anos. A situação tornou-se muito má novamente. Sabes, os refugiados na Turquia não têm uma vida boa.” – jovem iraquiano, 17 anos) e dois

participantes referiram o impacto do atraso no processo de asilo na saúde mental (*Isto pode causar depressão ou ansiedade às pessoas, podem mesmo perder a esperança e a fé e querer até voltar para os seus países. Podem começar a pensar “Eu prefiro voltar e morrer em dignidade do que ficar até e ser humilhado”. É mesmo difícil ficar aqui muito tempo.*” – jovem iraquiano, 20 anos). Três participantes relatam ainda o impacto traumático desta vivência (*“Depois de todos estes problemas, muitas pessoas ficaram com fobia do mar.”* – homem sírio, 32 anos).

## Discussão

Relativamente aos motivos para abandonar o país de origem, a literatura evidencia situações semelhantes às mencionadas pelos participantes como a insegurança, as más condições de vida e a discriminação. (Gladden, 2012, Goodman et al., 2017, Jauhiainen, 2017). Tal como descrito na literatura, o principal motivo para abandonar o país de origem em busca de asilo é o sentimento de insegurança face a conflitos armados (Goodman et al., 2017; Lindblom-Hakkinen & Anttila, 2018). Também no caso dos participantes deste estudo, foi o sentimento de insegurança resultante do contexto de violência o principal motivo para abandonarem os seus países. Muitos foram os crimes cometidos durante todo o conflito da Síria, desde violações dos direitos humanos, massacres, torturas, tomada de reféns, bombardeamentos entre outros, levando a que muitos Sírios abandonassem o seu país de origem (Noi, 2012; Hassan et al., 2015), à semelhança do que aconteceu com os oito participantes sírios deste estudo. Já no Iraque e no Afeganistão, países de proveniência dos restantes participantes, a presença e ocupação do ‘auto-proclamado Estado Islâmico’ têm perpetuado o clima de instabilidade e de insegurança, sendo frequentes os atentados terroristas, os raptos, massacres e outras violações dos direitos humanos.

As pessoas afetadas por conflitos armados experienciam não apenas ameaça às suas vidas, mas também enfrentam desafios para garantirem as suas necessidades básicas, como a alimentação. Também os participantes deste estudo enfatizam as más condições de vida decorrentes das situações de conflito nos seus países, como motivo para se verem forçados a abandoná-los. De acordo com os participantes estas estão relacionadas com a falta de alimentação, a privação da educação e dificuldades de emprego, o que vai de encontro com a literatura, uma vez que, apesar destas pessoas fugirem dos conflitos armados, estas também fogem da fome e da miséria instaurada devido ao conflito (Nolasco, & Lechner, 2017). É ainda referido pelos participantes a discriminação étnica e religiosa como outro dos motivos para abandonar o país de origem. Tal como referido no enquadramento teórico, também a perseguição por motivos étnicos ou religiosos se enquadram no estatuto de refugiado.

Como descrito acima, os motivos que levaram os participantes deste estudo a abandonar os seus países de origem em busca de asilo e proteção enquadraram-se no âmbito da Convenção de Genebra, sendo o pedido de asilo muitas das vezes a única forma de obterem segurança, proteção e garantia dos direitos civis básicos contemplada na mesma. Porém, os pressupostos assegurados no estatuto de refugiado não se verificam na forma como a União Europeia tem lidado com a chamada ‘crise de refugiados’, levando a que estas pessoas sejam expostas uma vez mais a experiências adversas e potencialmente traumáticas no processo de transição: não

existindo qualquer alternativa legal para saírem destes contextos de conflito, vêm-se obrigadas a recorrer a vias ilegais, através das redes de *smuggling* que começaram a operar no mediterrâneo. Nos relatos dos nossos participantes são patentes as adversidades e o impacto de mais esta experiência de vitimação.

A permanência na Turquia é descrita pelos participantes como um período difícil tendo por base os perigos enfrentados, a violência, perseguições e discriminação. Relativamente ao tempo passado pelos participantes na Turquia, este varia, entre dias a anos. Percebemos, assim que alguns participantes se deslocaram até à Turquia para, neste país, refazerem as suas vidas, porém, dado o ambiente de insegurança instaurado estes decidiram voltar a deixar o país. No caso particular dos participantes sírios a dificuldade deste processo é intensificada dada a existência de “baixa proteção temporária”. Deste modo os sírios não têm estatuto de refugiado na Turquia mas possuem a terminologia formal a especificidade de convidados. Sob este regime de proteção é disponibilizada a ajuda e proteção por tempo indeterminado e são satisfeitas as suas necessidades básicas, no entanto aqueles que vivem fora dos campos e não estão registados muitas das vezes não têm direitos garantidos (Merkezi, 2015). No entanto, a revista *Humans Rights Watch* (2016) tem alertado para o facto de pessoas que atravessam a fronteira da Síria para a Turquia serem recebidas com canhões de água, tiros de aviso sendo por vezes baleadas.

Dentro das rotas referidas na literatura como utilizadas pelas redes de *smuggling* (IOM, 2016), a rota do mediterrâneo oriental é a mais utilizada em virtude da proveniência geográfica dos participantes (Síria, Iraque e Afeganistão). Nos seus relatos sobre a viagem, os participantes descrevem as vias utilizadas (e.g. terrestre, marítimo e/ou aéreo), os meios (e.g. em que momentos foram de meio de transporte ou a pé), os serviços requisitados e / ou prestados (e.g. travessia de barco), mas predominam nas suas narrativas os perigos a que foram expostos durante esta experiência. Segundo os mesmos, estes dizem respeito à não garantia das necessidades básicas, como a alimentação, o acesso a pouca informação no momento da viagem e a exposição a condições adversas tais como a permanência em florestas, exposição a animais e a travessia de rios. Num estudo da (IOM, 2016) foram identificados por refugiados sírios, que faziam a travessia a pé pelo Irão, riscos como a falta de alimentação e a exposição a climas severos.

As consequências e o impacto da exposição a situações adversas são referidos pelos participantes ao longo de todo o seu percurso assim como tem vindo a ser descrito na literatura (Schick, Morina, Mistridis, Schnyder, Bryant, Nickerson, 2018). Múltiplas são as experiências adversas a que os participantes são expostos desde o abandono do seu país de origem à chegada a outro país, e o impacto destas experiências adversas reflete-se em, emoções negativas como

o medo, o stress, e em alguns dos casos poderá manifestar-se através de sintomas de depressão, ansiedade e perturbação de stress pós traumático (Hassan, 2015; Nickerson et al., 2017). Ainda que, nas narrativas dos participantes, apenas um participante tenha mencionados construtos como a depressão e a ansiedade são referidos pelos participantes sintomas frequentemente encontrados em pessoas ansiosas, depressivas ou com perturbação de stress pós traumático (Erdener, 2017; Brekke, 2010).

Apontado também como um fator importante que intensifica o impacto psicológico, é a incerteza face ao futuro ( por exemplo “*vamos para Atenas e depois? Nossas dúvidas são sobre o que vem depois de Kara Tepe. Temos medo de que eles nos enviem de volta para a Síria*”). Esta também tem sido descrita na literatura como uma das principais problemáticas dos requerentes de asilo estando, associadas a altos níveis de ansiedade e depressão nesta população (Farhat et al., 2018; Biehl, 2015; Brekke, 2010). Para além da incerteza face à aceitação do seu pedido de asilo, estes indivíduos têm que lidar com o período de espera para a obtenção do mesmo, assim como com o carácter aleatório deste processo, desencadeando sentimentos de impotência, frustração e incerteza (Brekke, 2010).

## Conclusão

A presente investigação teve como objetivo compreender as trajetórias e narrativas de requerentes de asilo, no que concerne aos motivos para abandonarem os seus países, à experiência de fuga e travessia com recurso a redes de *human smuggling*, e ao impacto psicológico destas experiências.

Tendo por base os principais resultados obtidos, foi possível compreender que os requerentes de asilo estão expostos a diversas adversidades ao longo do seu percurso, e que estas estão associadas quer à vida no país de origem quer à viagem em busca de segurança. Algumas das principais experiências dizem respeito à violência inerente aos conflitos existentes quer nos seus países de origem, quer na Turquia. Ao longo da viagem foi também narrado pelos participantes experiências adversas tais como a não garantia das suas necessidades básicas, separação da família e acesso a pouca informação ao longo da viagem, não lhes permitindo perceber os perigos que corriam.

Assumem-se como limitações deste estudo a realização das entrevistas numa língua que não a materna dos participantes, que poderá ter levado a equipa de investigação a perder algum conteúdo relevante e ainda o número de participantes do estudo, uma vez que não foi possível atingir a saturação teórica tal como seria desejável.

Para futuras investigações seria pertinente abordar os padrões de vitimação desta população tendo em conta os diferentes momentos da sua viagem (pré-refúgio, transição e recolocação). Seria também pertinente explorar o impacto psicológico decorrente da exposição a experiências adversas em função do género, mais especificamente no caso das mulheres. Dadas as múltiplas experiências adversas a que são expostos, seria crucial a aposta num apoio de primeira linha junto desta população.

## Referências Bibliográficas

- Agaibi, C. E., & Wilson, J. P. (2005). Trauma, PTSD, and Resilience a Review of the Literature. *Trauma, Violence, & Abuse*, 6(3), 195-206.
- Almeida, L., & Freire, T. (2003). *Metodologias da investigação em psicologia e educação* (3ª ed.). Braga: Psiquilíbrios.
- Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (2017). *Global Report 2016*. Consultado no website <http://www.unhcr.org/the-global-report.html>.
- Alto Comissariado da Nações Unidas para os Refugiados. (2018). *Global Trends- Forced Displacement in 2018*. Consultado no website: <https://www.unhcr.org/5d08d7ee7.pdf>
- American Psychiatric Association (2013). *Diagnostic and statistical manual of mental disorders (5th ed)*. Washington, DC: Author.
- Baird, T. (2013). Theoretical Approaches to Human Smuggling. DIIS Working Paper, 10.
- Bakker, L., Dagevos, J., & Engbersen, G. (2014). The importance of resources and security in the socio-economic integration of refugees. A study on the impact of length of stay in asylum accommodation and residence status on socio-economic integration for the four largest refugee groups in the Netherlands. *Journal of International Migration and Integration*, 15(3), 431-448. DOI 10.1007/s12134-013-0296-2.
- Bazeley, P., & Jackson, K. (2013). *Qualitative data analysis with NVivo* (2º ed.). Londres: SAGE.
- Beiser, M., Wiwa, S., & Adebajo, S. (2010). Human-initiated disaster, social disorganization and post-traumatic stress disorder above Nigeria's oil basins. *Social Science & Medicine*, 71(2), 221-227.
- Bell, J. (2004). *Como realizar um projecto de investigação* (3º edição). Lisboa: Gradiva.
- Biehl, K. S. (2015). Governing through uncertainty: Experiences of being a refugee in Turkey as a country for temporary asylum. *Social analysis*, 59(1), 57-75. doi: 10.3167/sa.2015.590104
- Bogic, M., Njoku, A., & Priebe, S. (2015). Long-term mental health of war-refugees: A systematic literature review. *BMC International Health and Human Rights*, 15(29). doi: 10.1186/s12914-015-0064-9.
- Brekke, J. (2010). Life on hold: The impact of time on young asylum seekers waiting for a decision. *Journal of Childhood and Adolescence Research*, 5(2), 159-167.
- Carlson, E. B. & Dalenberg, C. (2000). A conceptual framework for the impact of traumatic experiences. *Trauma, violence and abuse*, 1(1), 4-28.

- Carswell, K., Blackburn, P., & Barker, C. (2009). The relationship between trauma, post-migration problems and the psychological well-being of refugees and asylum seekers. *International Journal of Social Psychiatry*, 57(2), 107-119. doi: 10.1177/0020764009105699.
- Corbin, J., & Strauss, A. C. (1998). *Noções básicas de pesquisa qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento da teoria fundamentada*. Califórnia: Sage.
- Creswell, J. W. & Poth, C. N. (2017). *Qualitative Inquiry and Research Design: Choosing Among Five Approaches* (4<sup>a</sup> ed.). Londres: SAGE
- Crowley, C. (2009). The mental health needs of refugee children: A review of literature and implications for nurse practitioners. *Journal of the American Academy of Nurse Practitioners*, 21, 322–331. doi:10.1111/j.1745-7599.2009.00413.x
- Dimitriadi, A. (2016). O impacto da Declaração UE-Turquia sobre protecção e acolhimento: o caso da Grécia. Documento de trabalho 15. Turquia global na Europa.
- De Vroome, T., & Van Tubergen, F. (2010). The employment experience of refugees in the Netherlands. *International Migration Review*, 44(2), 376-403. <https://doi.org/10.1111/j.1747-7379.2010.00810.x>
- European Union Agency for Law Enforcement (EMSC). (2018). *European Migrant Smuggling Center- 3<sup>rd</sup> Annual Activity Report*.
- Erdener, E. (2017). The ways of coping with post-war trauma of Yezidi refugee women in Turkey. *Women's Studies International Forum*, 65, 60-70. doi: 10.1016/j.wsif.2017.10.003.
- Farhat, J. B., Blanchet, K., Bjertrup, P. J., Veizis, A., Perrin, C., Coulborn, R. M., ... Cohuet, S. (2018). Syrian refugees in Greece: Experience with violence, mental health status, and access to information during the journey and while in Greece. *BMC Medicine*, 16(40). doi: 10.1186/s12916-018-1028-4.
- Fegert, J. M., Diehl, C., Leyendecker, B., Hahlweg, K., & Prayon-Blum, V. (2018). Psychosocial problems in traumatized refugee families: overview of risks and some recommendations for support services. *Child and adolescent psychiatry and mental health*, 12(1), 5.
- Foa, E. B., Zinbarg, R., & Rothbaum, B. O. (1992). Uncontrollability and unpredictability in post-traumatic stress disorder: An animal model. *Psychological Bulletin*, 112, 218-238.
- Fortin, M. (1999). *O processo de investigação: Da concepção à realização* (N. Salgueiro, Trad.). Loures: Lusociência (1996).
- Frontex (2017). *Análise de risco para 2017*. doi: 10.2819/250349.

- Frontex (2019). *Risk analysis for 2019*. doi: 10.2819/86682.
- Gladden, J. (2012). As habilidades de enfrentamento dos refugiados da África Oriental: uma revisão da literatura. *Inquérito aos refugiados trimestral*, 31(3), 177-196. doi: 10.1093/RSQ/hds009.
- Garmezy, N. & Masten, A. S. (1994). Chronic adversities. In M. Rutter, L. Herzov & E. Taylor (Eds.), *Child and adolescent psychiatry: Modern approaches* (3<sup>a</sup> ed., pp. 191-208). Oxford: Blackwell Scientific Publications.
- Garmezy, N. & Rutter, M. (1985). Acute reactions to stress. In M. Rutter & L. Hersov (Eds.), *Child and adolescent psychiatry: Modern approaches* (2<sup>o</sup> ed., pp. 152-176). Oxford, England: Blackwell.
- Goodman, R. D. (2013). The Transgenerational Trauma and Resilience Genogram. *Counselling Psychology Quarterly*, 26, 386–405. doi:10.1080/09515070.2013.820172
- Goodman, R. D., Vesely, C. K., Letiecq, B., & Cleaveland, C. L. (2017). Trauma and resilience among refugee and undocumented immigrant women. *Journal of Counseling and Development*, 95(3), 309-321. doi: 10.1002/jcad.12145.
- Hassan, G., Kirmayer, L. J., Mekki-Berrada, A., Quosh, C., el Chammay, R., Deville-Stoetzel, J. B., ... & Song, S. (2015). *Culture, context and the mental health and psychosocial wellbeing of Syrians: a review for mental health and psychosocial support staff working with Syrians affected by armed conflict*. Geneva: UNHCR.
- Herman, J. (1992). *Trauma and recovery*. Nova Iorque: Basic Books.
- International Organization for Migration (IOM). (2016). *Migrant Smuggling Data and Research: A global Review of the emerging evidence base*. IOM.
- Jauhiainen, J. S. (2017b). *Asylum seekers in Lesbos, Greece, 2016-2017*. University of Turku
- Karunakara, U. K., Neuner, F., Schauer, M., Singh, K., Hilli, K., Elbert, T., & Burnha, G. (2004) Traumatic events and symptoms of post-traumatic stress disorder amongst Sudanese nationals, refugees and Ugandans in the West Nile. *African Health Sciences*, 4(2) 83–93.
- Kirmayer, L. J., Narasiah, L., Munoz, M., Rashid, M., Ryder, A., Guzder, J., ... Pottie, K. (2011). Common mental health problems in immigrants and refugees: General approach in primary care. *Canadian Guidelines for Immigrant Health*, 183(12), 959-967. doi: 10.1503/cmaj.090292.
- Kolassa, I. T., Ertl, V., Eckart, C., Kolassa, S., Onyut, L. P., & Elbert, T. (2010). Spontaneous remission from PTSD depends on the number of traumatic event types experienced. *Psychological Trauma: Theory, Research, Practice, and Policy*, 2(3), 169.

- Kurban, H., & Liamputtong, P. (2017). Stigma, social attitudes and social connections: The lived experience of young Middle-Eastern refugees in Melbourne. *Youth Voice Journal*.
- Lazarus, R. S. & Folkman, S. (1984). *Stress, appraisal, and coping*. Nova Iorque: Springer.
- Lindblom-Hakkinen, S., & Anttila, M. (2018). Asylum seeker or seeker of a better life? What makes a difference within categorization? *Scientific Journal of Internal Security and Civil Defense: Border Security and Management*, 2(7), 82-91. doi: 10.17770/bsm.v2i7.3486.
- Luthar, S. S., Cicchetti, D., & Becker, B. (2000). The construct of resilience: A critical evaluation and guidelines for future work. *Child Development*, 71, 543–562.
- Marshall, G. N., Schell, T. L., Elliot, M. N., Berthold, S. M., & Chun, C. A. (2005). Mental health of cambodian refugees 2 decades after resettlement in the United States. *JAMA*, 294(5), 571-579
- Martins-Borges L. Migração involuntária como fator de risco à saúde mental. REMHU. 2013; 21(40):151-62
- Martin, D. C., & Yankay, J. E. (2014). *Refugees and asylees: 2013* (Annual Flow Report). Washington, DC: U.S. Department of Homeland Security.
- Masten, A. S., Best, K. M., & Garmezy, N. (1990). Resilience and Development: Contributions from the Study of Children Who Overcome Adversity. *Development and Psychopathology*, 2, 425-444. doi: 10.1017/S0954579400005812.
- Masten, A. S., & Obradovic, J. (2006). Competence and resilience in development. *Annals of the New York Academy of Sciences*, 1094, 13–27.
- McLaughlin, A. A., Doane, L. S., Costiuc, A. L., & Feeny, N. C. (2009). Stress and resilience. In S. Loue & M. Sajatovic (Eds.), *Determinants of minority mental health and wellness*. Nova Iorque: Springer Science & Business Media.
- McMichael, C., & Manderson, L. (2004). Somali women and well-being: Social networks and social capital among immigrant women in Australia. *Human Organization*, 63(1) 88–99.
- McMichael, C. (2016). The health of migrants and refugees. In P. Liamputtong (Ed.). *Public Health: Local and global perspective* (pp.330-349). Melbourne: Cambridge University Press.
- Merkezi, O. S. A. (2015). *Effects of the Syrian refugees on Turkey* (195). Orsam Report.
- Morehouse, C., & Blomfield, M. (2011). *Irregular Migration in Europe*. Migration Policy Institute, Washington, DC.

- Nickerson, A., Liddell, B., Asnaani, A., Carlsson, J., Mina Fazel, Knaevelsrud, C., Neuner, F... & Rasmussen, A. (2017). Trauma and Mental Health in Forcibly Displaced Populations - *International Society for Traumatic Stress Studies*.
- Noi, A. U. (2012). The Arab Spring, its effects on the Kurds, and the approaches of Turkey, Iran, Syria, and Iraq on the Kurdish issue. *Middle East Review of International Affairs*, 16(2), 15-29.
- Nolasco, C., & Lechner, E. (2017). O Drama dos/as Refugiados/as na Europa. *Cescontexto-debates*, (18) – cecontext
- Oliveira, C. R., Peixoto, J., & Góis, P. (2017). A nova crise de refugiados na Europa: o modelo de repulsão-atração revisitado e os desafios para as políticas migratórias. *Revista brasileira de estudos de população*, 34(1), 37-98.
- Organização das Nações Unidas. Protocolo Adicional à Convenção das Nações Unidas contra a Criminalidade Organizada Transnacional relativo à Prevenção, à Repressão e à Punição do Tráfico de Pessoas, em especial de Mulheres e Crianças. Disponível em: <http://sinus.org.br/2014/wpcontent/uploads/2013/11/OIT-Protocolode-Palermo.pdf>
- Organização das Nações Unidas (1951). Convenção relativa ao Estatuto dos Refugiados. Consultado no website [http://www.acnur.org/fileadmin/scripts/doc.php?file=fileadmin/Documentos/portugues/BDL/Convencao\\_relativa\\_ao\\_Estatuto\\_dos\\_Refugiados](http://www.acnur.org/fileadmin/scripts/doc.php?file=fileadmin/Documentos/portugues/BDL/Convencao_relativa_ao_Estatuto_dos_Refugiados)
- Rousseau, C., Mekki-Berrada, A., & Moreau, S. (2001). Trauma and extended separation from family among Latin American and African refugees in Montreal. *Psychiatry*, 64, 40–59.
- Rutter, M. (1987). Psychosocial resilience and protective mechanisms. *American Journal of Orthopsychiatry*, 57(3), 316-331.
- Rutter, M. (2007). Resilience, competence, and coping. *Child Abuse and Neglect*, 31(3), 205-209. doi:10.1016/j.chiabu.2007.02.001.
- Schaffer, H. R. (2000). The early experience assumption: Past, present, and future. *International Journal of Behavioral Development*, 24, 5–14.
- Schick, M., Zumwald, A., Knöpfli, B., Nickerson, A., Bryant, R. A., Schnyder, U., ... & Morina, N. (2016). Challenging future, challenging past: The relationship of social integration and psychological impairment in traumatized refugees. *European journal of psychotraumatology*, 7(1), 28057. <https://doi.org/10.3402/ejpt.v7.28057>
- Schick, M., Morina, N., Mistridis, P., Schnyder, R. A., & Nickerson, A. (2018). Changes in Post- migration Living Difficulties Predict Treatment Outcome in Traumatized Refugees

- Steel, Z., Silove, D., Bird, K., McGorry, P., & Mohan, P. (1999). Pathways from war trauma to posttraumatic stress symptoms among Tamil asylum seekers, refugees and immigrants. *Journal of Traumatic Stress*, 12 421–435.
- Stewart, M., Makwarimba, E., Beiser, M., Neufeld, A., Simich, P., & Spitzer, D. (2010). Social support and health: Immigrants' and refugees' perspectives. *Diversity in Health and Care*, 7(2) 91–103.
- Teles, P. G. (2017). As respostas da Europa à crise dos refugiados. *Janus*, 14-15.
- United Nations (2000). *Protocol Against the Smuggling of Migrants by Land, Sea and Air, Supplementing the United Nations Convention Against Transnational Organized Crime*. United Nations.
- United Nations Office on Drugs and Crime (UNODC). (2011). *Issue Paper: Smuggling of Migrants by Sea*, 1-71.- estudo sobre a viagem
- United Nations Office on Drugs and Crime (UNODC). (2018). *Global study on Smuggling of Migrants 2018*. New York: United Nations.
- Vogt, W. A. (2013). Crossing Mexico: Structural violence and the commodification of undocumented Central American migrants. *American Ethnologist*, 40, 764–780. doi:10.1111/amet.12053
- Yin, R. K. (2015). *Qualitative research from start to finish*. Nova Iorque: Guilford Publications.
- Ziaian, T., Anstiss, H., Antoniou, G., Baghurst, P., & Sawyer, M. (2012). Resilience and its association with depression, emotional and behavioural problems, and mental health service utilisation among refugee adolescents living in South Australia. *International Journal of Population Research*. doi:10.1155/2012/485956.
- Zeno, B. (2017). Deslocamento e identidade: explorando as experiências vividas dos refugiados sírios. No projeto sobre ciência política do Oriente Médio, *refugiados e movimento migratório no Oriente Médio*. Los Angeles: Universidade do Sul da Califórnia.

# **ANEXOS**

	Idade	Sexo	Nacionalidade	Estado civil	Crianças	Nível de escolaridade	Religião	Apoio psicológico	Medicação	País de origem da esquerda	Chegada à Grécia	Passagem através de outros países
H4	31	M	Síria	Casado	3	Escola secundária	Praticando muçulmanos	Nunca	Não	6M	5M	Turquia
H12	29	M	Síria	Casado	2		Praticando muçulmanos	Nunca	Não	4 anos	4M	Turquia
H13	22	M	Iraque	Casado	1	Escola secundária	Praticando muçulmanos	No passado (16 anos de idade)	Não	15 anos	5M	Síria + Turquia
H14	24	M	Síria	Solteiro	0	Secundário		Nunca	Não	7 anos	4M	Turquia
H15	23	M	Afeganistão	Solteiro	0	Escola secundária	Praticando muçulmanos	Atualmente	Dormir (psiquiatra)	3 anos	2 anos	Irão + Turquia
H16	17	M	Afeganistão	Solteiro	0	Escola secundária	Ateu	No passado (17 anos de idade)	Não	5 anos	6M	Irão + Turquia
H17	62	M	Afeganistão	Casado	5	Diploma universitário	Não praticando muçulmanos	Atualmente	Não	7M	6M	Irão + Turquia
M1	34	F	Síria	Casada	3	Diploma universitário		Nunca	Não	5 M	5M	Turquia
M2	31	F	Síria	Casada	2	Diploma universitário	Não praticando cristão	Nunca	Não	1 ano	7M	Turquia
M6	43	F	Síria	Casada	3	Escola secundária		Nunca	Não	4 anos	4M	Turquia
H20C	20	M	Iraque	Solteiro	0					2 anos e 3M	2 anos e 3M	Turquia
H22G	22	M	Síria	Solteiro	0							Turquia
H20P	20	M	Iraque	Solteiro	0							Turquia
Hvm		M	Síria	Casado	2					3 anos	5M	Líbano + Turquia

H16B	16	M	Iraque	Solteiro	0					1 ano e 3M	1 ano	Turquia
------	----	---	--------	----------	---	--	--	--	--	------------	-------	---------

Anexo 1

### Socio-demographic Questionnaire

**Age:** \_\_\_\_\_

**Gender:** Female  Male

**Nationality:** \_\_\_\_\_

**Civil status:**

Single

Divorced

Living common law

Separated

Married

Widowed

**Children:**

No

Yes

How many? \_\_\_\_\_

**Education level:**

Until 9<sup>th</sup> grade

Bachelor degree

Until 12<sup>th</sup> grade

Master degree

Professional course

Doctoral degree

Postgraduate degree

**Professional occupation:** \_\_\_\_\_

**Religion:**

Non believer

Practicing believer

Non practicing believer

If you consider yourself a believer,  
what religion? \_\_\_\_\_

**Psychological support:**

Never

Yes, in the past

At what age? \_\_\_\_\_

Yes, currently

**Medication:** \_\_\_\_\_

Who prescribed this medication? \_\_\_\_\_

**Journey:**

How long ago did you leave your home country? \_\_\_\_\_

How long ago did you arrive at the present country? \_\_\_\_\_

(If applicable) Where were you in between? \_\_\_\_\_

Life in home country	How was your life in your home country? Who did you live with in your home country?
Decision to leave home country	Why did you decided to leave your home country? Did you leave alone or with someone? How did the conflict affect your life in your home country?
Trip	How was the trip? Which were your main difficulties during the trip? How did you come? Who did you come with? Which countries did you pass through since you left your home country until you arrived in Greece? How was your experience in each of those countries?
Experience in the transitional context	Were you in other refugee camps besides Moria and Kara Tepe? Which ones? How was your welcoming and integration in each camp? How was it to live in each camp? Which were the main positive and negative aspects? Which are the main differences between Moria and Kara Tepe?
Mental health	How have you been feeling? Have you experienced any health issue? Which one? How have these issues affected your life and the way you relate to others? Do you feel the support your need to deal with your problems?
Coping strategies	How have you been dealing with your difficulties? What helps you during difficult times?
Expectations for the future	Which are your expectations for the future? What would you like to happen in the future and what do you think is going to happen?
Message to Portugal	What would you like to say to the Portuguese?

1 <sup>st</sup> categorias geracionais	2 <sup>a</sup> categorias geracionais	3 categorias geracionais	4 <sup>a</sup> categorias geracionais	5 <sup>a</sup> categoria	6 <sup>a</sup> categoria	Exemplo de dados	Fontes	Referências
<b>1. Motivos para abandonar o país de origem</b>	<b>1.1. Insegurança</b>	<b>1.1.1. Guerra</b>	1.1.1.1. Problemas no Irão			“Sabes, no Irão, a situação também se tornou muito má, porque o nosso inimigo também foi para o Irão, então também tivemos de sair de lá”. (H16)	3	3
			1.1.1.2. Síria	1.1.1.2.1. Mortes e destruição devido à guerra		“Quando voltamos, estava tudo destruído. Havia sangue e mortos em todo o lado. Estava tudo destruído. Se as coisas já estavam más, ficaram muito pior.” (M2)	4	4
				1.1.1.2.2. Perceção negativa da vida depois da guerra		“Mas, depois da guerra, era muito difícil. Estávamos com medo a toda a hora por causa da guerra. Era muito difícil” (M1).	4	4
				1.1.1.2.4. Morte ou perda de contactos com			1	1

				familiares decorrente da guerra		“Depois da guerra, muitas pessoas da minha família morreram, muitos foram para a Alemanha ou para outro país... Não consigo falar com eles, não temos o contacto uns dos outros.” (H4)		
		<b>1.1.2.</b> Terrorismo	1.1.2.1. Estado Ismâmico na Síria			“A minha família ficou em Kobani. Depois, começou a guerra em Kobani. Os soldados do Estado Islâmico foram para Kobani. A guerra em Kobani começou com o Estado Islâmico, não com o exército sírio. Então, os meus pais e a minha avó saíram de Kobani e também foram para a Turquia.” (H14)	1	1

			<p><b>1.1.2.2.</b> Saída do país de origem sob ameaça de morte</p>			<p>“O exército americano levou o meu pai durante uma semana. Depois disso, libertaram-no e os soldados da Al-Qaeda queriam que o meu pai ficasse com eles e lutasse com eles, mas o meu pai não queria. Então, os soldados da Al-Qaeda disseram ao meu pai “Se não vieres, nós matamos-te”. Depois disso, saímos do Iraque.” (H13)</p>	1	1
		<p><b>1.1.3.</b> Problemas com a Máfia</p>				<p>“Porque tive problemas pessoais com a máfia. Por causa disso tive de sair do meu país.” (H15)</p>	1	1
		1.2.1. Alimentação	<p><b>1.2.1.1. Sem comida depois da guerra</b></p>			<p>“Havia pouca comida. Quando começou a guerra, não conseguiram trazer</p>	1	2

1.2. Más condições de vida					comida.” (M2)		
		1.2.1.2. Sem comida durante a guerra			“Na Síria, estavam sempre a acontecer coisas por causa da guerra. Não havia comida, passávamos muitos dias com fome. Tinha medo de morrer ou morrer de fome. Tudo...” (M6)	2	2
		1.2.2. Saúde	1.2.2.1. Díficil acesso a cuidados de saúde		“Porque a minha mãe e a minha irmã estavam doentes. A minha mãe tinha anemia e outros problemas no sangue. A minha irmã tinha problemas de coração e precisava de ser operada. Por causa disso saí do Iraque. “ (H20P)	1	1
		1.2.3. Educação	1.2.3.1. Díficil acesso à educação		“Um dos motivos é porque não deixavam os meus filhos frequentar a escola.” (H17).	1	1
		1.2.4. Emprego	1.2.4.1. Problemas com emprego		“Eu trabalhava para o governo afegão e era um trabalho muito difícil. Causou-me muitos problemas, tive muitas dificuldades.” (H17)	2	3
1.3. Discriminação	1.3.1. Questões Religiosas	1.3.1.1. Religião como motivo para abandonar o país de origem			“Também saímos por motivos religiosos, porque os muçulmanos têm religiões diferentes,	1	1

						estão divididos.” (H17)		
		<b>1.3.2. Questões Étnicas</b>	1.3.2.1. Problemas na Turquia por ser Curdo			“Abri uma loja de compra e venda de telemóveis, com um nome curdo que significava “Sul da Síria”. A polícia turca e a população turca começaram a criar-me muitos problemas por ser curdo.” (H4)	1	2
<b>2. Viagem</b>	<b>2.1. Decisão de ida para a europa</b>					“Decidimos continuar e tentar chegar a um país europeu.” (H4)	6	7
	<b>2.2 Viagem com a família</b>					“ Toda a minha família.” (H13)	10	10
	<b>2.3 Viagem sozinho até à Turquia</b>	<b>2.3.1 Ida da família para a Turquia</b>				“Inicialmente eu fui sozinho para a Turquia. Uma semana depois, a minha família foi para lá.” (H22G)	2	2
	<b>2.4 Viagem com a família para a Turquia</b>	<b>2.4.1</b> Regresso da família ao país de origem	2.4.1.1 Ida da esposa e do filho para a Turquia			“Eles ficaram seis meses na Turquia. Quando a guerra começou a acabar na nossa cidade, os meus pais voltaram para lá. Eles não tentaram vir para a Grécia... Depois pedi aos meus pais para enviarem a minha esposa e o meu filho para a Turquia para virmos para a Grécia” (H12)	1	1

<b>2.3 Viagem sozinho</b>						“Eu saí sozinho. Os meus irmãos e a minha mãe estão no Afeganistão. Eu saí sozinho.” (H20C)	2	2	
<b>2.4 Travessia Aérea</b>	<b>2.4.1 Travessia aérea para a Turquia</b>					“Fui de avião.” (H20C)	1	1	
<b>2.5 Travessia Terrestre</b>	<b>2.5.1 Deslocação Pedonal</b>					“Primeiro, fui para a Turquia a pé com mais 500 pessoas. Foi uma viagem de mais 500 pessoas. Foi uma viagem de quatro dias.” (H12)	11	11	
	<b>2.5.2 Deslocação pedonal e de carro</b>					“Um das partes fui de carro, outras fui a pé.” (H15)	2	2	
	<b>2.5.3 Deslocação de carro</b>					“Não fui a pé, fui de carro.” (H13)	1	1	
	<b>2.5.4 Rota Geográfica</b>	2.5.4.1 Provenientes do Afeganistão	2.5.4.1.1 Rota não especificada					1	1
			2.5.4.1.2 Percurso do Afeganistão para o Irão		2.5.4.1.2.1 Ida do Irão para a Turquia		“Primeiro, fui para o Irão e estive lá seis ou sete meses... depois saí do Irão e fui para a Turquia.” (H15)	2	2
		2.5.4.2 Provenientes da Síria	2.5.4.2.1 Percurso da Síria para a Turquia				“Fui da Síria para a Turquia.” (H22G)	9	9
			2.5.4.3 Percurso da Síria pelo Iraque – Curdistão - Turquia				“Fui de Damasco no centro da Síria, para o Iraque, do Iraque para o Curdistão e do	1	1

						Curdistão para a Turquia.” (H13)		
			2.5.4.3 Provenientes do Iraque	2.5.4.3.1 Percuso do Iraque para a Turquia		“Saímos o Iraque e fomos para a Turquia. Ficamos lá dois dias.” (H16B)	2	2
		<b>2.5.5. Perigos</b>	2.5.5.1 Animias	2.5.5.1.1 Animais perigosos na floresta		“Havia muitas cobras e animais perigosos lá.” (H4)	1	1
			2.5.5.2 Fome	2.5.5.2.1. Recurso a árvores para busca de alimento na floresta		“Não vinha ninguém. Já não tínhamos comida. Estávamos a alimentar-nos das árvores.” (H4)	1	1
			2.5.5.3 Travessia de Rios durante a viagem até a Turquia			“Havia rios. Alguns atravessamos em barcos pequenos, mas outros tivemos de atravessar a pé.” (H16)	1	1
			2.5.5.4. Permanência na floresta			“Ficamos na floresta 10 dias à espera de alguém que nos levasse de barco.” (H4)	1	1
		<b>2.5.6 Deslocação de carro até à Turquia</b>				“Fui para a Turquia em 2013. Não fui a pé, fui de carro.” (H13)	3	3
	2.6 Travessia Marítima mar Egeu	<b>2.6.1. Deslocação de barco até à Grécia</b>				“Viemos da cidade de Izmir, na Turquia, de barco até à Grécia. (H12)	14	14
		<b>2.6.2. Viagem até à Grécia durante a noite</b>				“Saímos de Izmir à meia-noite e	2	2

					chegamos à Grécia às 4:30h.” (H14)		
	<b>2.6.3 Perigos</b>	2.6.3.1 Carácter ilegal da viagem			“Nós enfrentamos muitas dificuldades por estarmos a vir de forma ilegal. Parecia que vínhamos para a boca da morte.”(H17)	2	2
		2.6.3.2 Falta de equipamentos de segurança			“Eu não tinha colete salva-vidas e não sabia nadar.” (H20C)	1	1
		2.6.3.3 Más condições climatéricas			“Na altura era Inverno. Era muito frio e estava a nevar.” (H15)	2	2
		2.6.3.4 Choque com obstáculos			“Havia uma rocha no mar e o barco ficou destruído. Toda a gente estava a tentar chegar às duas rochas para se segurarem” (H4)	2	2
		2.6.3.5	2.6.3.5.1		“O motor não funcionava, estava	2	2

	Problemas mecânicos	Problemas com o motor		sempre a desligar-se” (H15)		
		2.6.3.5.2 Problemas no barco		“O barco estava estragado e estava a chover muito” (HVM)	2	2
		2.6.3.5.3 Problemas com combustível		“Da primeira vez, acabou o benzeno.” (H13)	1	1
		2.6.3.5.4 “o barco virou”		“... porque o barco virou, ficámos lá durante cerca de 3 horas.” (M1)	1	1
	2.6.3.6 Dificuldades durante a viagem			“ Passámos muitas dificuldades. Tivemos muita sorte em chegar sãos e salvos.” (H17)	5	8
<b>2.6.4</b>	2.6.4.1. Recurso a smugglers			“O meu pai pesquisou quais eram as formas de chegarmos cá e encontrou um homem que disse que nos conseguia trazer e nós confiamos nele.” (H16)	4	4
<b>Smugglers</b>						
<b>2.6.5</b>	2.6.5.1. Apanhados pela polícia turca	<b>2.6.5.1.1 chegada a Lesvos – 2.ª tentativa</b>		“Era muito pequena e estava a chover muito. Andamos cerca de duas horas e meia.	5	5
<b>Detenção por parte da Polícia Turca</b>						

						Chegamos ao local de abandonar a Turquia e vir para a Grécia, mas a polícia apanhou-nos.” (M2)		
		<b>2.6.6 Resgate por parte da polícia Grega</b>				“Tivemos muita sorte, porque a guarda costeira grega resgatou-nos e trouxe-nos para a ilha. “ (H17)	6	7
<b>3. Vida na Turquia</b>	3.1 Perigos	<b>3.1.1 Violência</b>	3.1.1.1 Agressão por parte dos soldados turcos			“Os soldados turcos apanharam-nos quando estávamos a entrar na Turquia e agrediram-nos, a mim e à minha esposa. “ (H4)	1	1
			3.1.1.2 Ameaça por parte da polícia turca			“Depois, a polícia disse-nos “Têm dois dias para sair daqui. Voltem para o Iraque, vão para a Europa... Mas têm de sair da Turquia”. (H16B)	2	2
		<b>3.1.2 Encarceramento na Turquia</b>				“Ficámos presos durante uns dias e depois fomos libertados.” (H20P)	5	5
		<b>3.1.3 Insegurança na Turquia</b>				“Eu disse à minha família’ nós vamos embora, não	1	2

				vamos voltar para a Turquia. A Turquia não é um local seguro para nós.” (H4)		
<b>3.1.4 Estado Islâmico</b>	3.1.4.1 Presença do Estado Islâmico			“Depois começaram a mudar-se para lá muitos iraquianos e sírios do estado islâmico.” H4)	2	2
	3.1.4.2 Ameaça por parte do estado islâmico			“Muitos diziam “o teu pai tem que morrer.” “(H13)	1	1
<b>3.1.5 Falta de cuidados de saúde</b>				“Fiquei na Turquia dois meses para tratar o meu dedo. Depois desses dois meses, ninguém me operava a mão... Porque o problema já não era só no dedo, alastrou-se para a mão. Na Turquia, os médicos não faziam esta operação.” (HVM)	1	1
<b>3.1.6 Dificuldades Económicas</b>				“O meu pai não podia trabalhar lá e o dinheiro não era suficiente para a família toda. Por causa disso, saí da Turquia.” (H14)	1	1

<b>4. Impacto Psicológico</b>	<b>4.1 Impacto das experiências adversas</b>	<b>4.1.1 Medo</b>				“Estávamos com muito medo por causa dos nossos filhos. Estávamos com eles ao colo, a abraçá-los e só pensávamos ‘nós vamos conseguir chegar lá com os nossos bebés’”(M2)	7	10
		<b>4.1.2 Preocupação com mortes durante a viagem</b>				“Porque nós ouvíamos que se perdiam muitas vidas no mar” (M2)	1	1
		<b>4.1.3 Stress durante a viagem</b>				“Toda a gente estava em stress.” (H16)	1	1
		<b>4.1.4 Impacto Traumático</b>				“Depois de todos esses problemas, muitas pessoas ficaram com fobia do mar.” (H4)	3	2
		<b>4.1.5 Incerteza quanto ao futuro</b>				“Primeiro queríamos vir para a Europa, mas, quando fomos para a Turquia as fronteiras europeias fecharam.” (H16)	5	6